

DOSSIÊ: PERCURSOS DIGITAIS: CORPOS, DESEJOS, VISIBILIDADES

Ruralidades atravessadas: jovens do meio campeiro e narrativas sobre o Eu e o(s) Outro(s) nas redes sociais*

Miriam Adelman**

César Bueno Franco***

Andressa Fontana Pires****

Resumo

O presente texto apresenta reflexões sobre gênero e identidades entre jovens participantes da “cultura campeira” do sul do Brasil, investigando sua relação com as novas discursividades veiculadas pela internet e as redes sociais. A pesquisa foi realizada com usuários do Facebook, de modo a explorar construções de masculinidade e feminilidade, corpo e sexualidade, consumo e identidades culturais e uso do lazer. A hipótese sugerida pela pesquisa etnográfica em curso é que as mídias digitais, ao viabilizar a inserção de jovens numa malha de circulação discursiva mais ampla, oferecem canais para novas reflexões que interrompem, mesmo que parcialmente, formas hierárquicas “tradicionais” para pensar sobre ser mulher ou homem, “hetero” ou “homossexual”, “rural” ou “urbano”, etc.

Palavras-chave: Cultura Campeira, Juventude, Novas Ruralidades, Gênero, Redes Sociais, Tradicionalismo Gaúcho.

* Recebido para publicação em 18 de fevereiro de 2015, aceito em 16 de abril de 2015. Xs autores agradecem a participação de Tiemi Kayamori Lobato da Costa, Gabriela Becker e Leandro Lechacoski e Camila Mariane de Souza, interlocutores essenciais em diversas fases desta pesquisa. Agradecemos também o apoio da CAPES e principalmente ao CNPQ/SPM, pelo apoio à pesquisa através do edital 32/2012 “Mulheres, Gêneros e Feminismos”.

** Professora do Departamento de Sociologia e dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. miriamad2008@gmail.com

*** Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. csarbf@gmail.com

**** Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. andressafonti@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas, as disciplinas das ciências sociais vêm sendo desafiadas a reavaliar seus conceitos e desenvolver abordagens mais sensíveis aos novos elementos de uma realidade social globalizada e pós-moderna que não corresponde mais ao mundo descrito pelas teorias sociais clássicas. Um dos maiores alvos da sua crítica teórico-metodológica refere-se à herança de conceitos e estruturas de pensamento binários: a filosofia iluminista estabelece uma visão do mundo de pares e polos opostos, sendo os principais os que discerniam uma diferença fundamental entre sujeito/objeto, razão e emoção, e homem/mulher. Como a crítica pós-estruturalista vem argumentando incansavelmente, a relação entre os elementos tidos como opostos significou sempre uma relação hierárquica na qual a superioridade do primeiro termo e a subordinação do segundo era premissa básica. Outros binômios que vieram a dominar o pensamento social de origem moderna são as relações, igualmente assimétricas, entre “o Ocidente e o resto” (Hall, 2003), urbano/rural, heterossexual/homossexual, “branco”/“negro”, humano/não humano, cultura/natureza e modernidade/tradição.

A crítica e legado desconstrutivos do pensamento pós-estruturalista – iniciando com Derrida e Foucault, promovendo a crítica pós-colonial a partir do trabalho de Edward Said, e através da filósofa Judith Butler, uma transformação na própria teoria feminista – produziu uma mudança tão profunda no campo das ciências sociais que provavelmente seja razoável afirmar que não resta nenhuma categoria que escape a seu escrutínio. Atualmente trabalhamos em uma lógica de relação que procura identificar a fluidez, as fissuras, as interconexões complexas e os pontos de fuga nas relações de poder e dominação, identificando os pares dicotômicos não só como objeto de desconstrução teórica senão de práticas em que desde posições subalternas se lute contra a hegemonia absolutizada do dominante. Nesse contexto, qualquer objeto de pesquisa não só exige abordagens metodológicas capazes de captar sua complexidade, como também oferece

muitos riscos – como lidar com nuances, instabilidades, interseccionalidades? – e provavelmente algumas surpresas.

O meio nos “meios”

Quando há quase cinco anos atrás iniciamos as primeiras incursões no mundo do rodeio tradicionalista no estado do Paraná (Adelman e Becker, 2013, Adelman e Lechacoski, 2013) com certeza não imaginávamos a complexidade que encontraríamos nas construções identitárias das pessoas que o frequentava, a intensidade dos trânsitos entre rural e urbano que abrigava e as densas traduções de noções de “tradicional” e “moderno”, que logo se tornariam fortes desafios de pesquisa e interpretação. Começamos com a participação de meninas e mulheres no meio, tecendo uma relação com o trabalho realizado em outros esportes equestres, e instigadas pelo recente ingresso das mulheres nas competições de laço e rodeios organizados pelos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) – segundo relatos colhidos em campo, a demanda foi articulada e negociada por cavaleiras a partir do final do anos 90 (Adelman e Becker, 2013). A proximidade temporal ao momento de “virada do jogo” prometia uma história de gênero dinâmica e um momento oportuno para estudar as interações de gênero num torvelinho de mudanças. O meio também atraía por ser evidentemente misto em termos da origem social de seus participantes (classe social, rural/urbano, etc). e autodeclaradamente herdeiro de tradições equestres e campeiras populares do sul do Brasil.

Após vários anos de pesquisa etnográfica nos rodeios e no cotidiano das “cabanhas”¹ voltamos nosso olhar especificamente para a juventude do meio (Pires, 2014) e percebemos que as interações nas mídias digitais² poderiam nos dar um acesso *sui*

¹ O termo “cabanha” é utilizado no meio campeiro para se referir a uma espécie de “hotel para cavalos” que se torna um espaço de lazer, sociabilidade e treino de animais e cavaleirxs.

² Mesmo que possa ser de entendimento intuitivo, esclarecemos que por mídias digitais entendemos os meios de comunicação da contemporaneidade que

generis a questões relativas à construção da identidade/subjetividade de participantes desse universo, assim como outras questões relacionadas – consumo cultural da juventude que se identifica com a cultura campeira, seu interesse pela religião ou pela política. Por ter feito campo etnográfico intenso, a descoberta da possibilidade de estender a pesquisa para as interações mediadas veio como desdobramento espontâneo: informantes que se tornaram nossos amigos nos convidavam a fazer parte do seu círculo social no Facebook, criando uma janela para estudar suas construções identitárias. O acesso inicial às páginas de pessoas que faziam parte de uma comunidade online “campeira” se expandiu a partir do momento que começamos a fazer um trabalho de antropologia visual, documentando fotograficamente o cotidiano da cabanha, os treinos de laço e das cavalgadas comunitárias. Após lançar algumas fotos na rede social, nossos informantes e seus amigos foram recuperando essas imagens para suas páginas, gerando novas solicitações de “amizade” e ampliando nossa possibilidade de acompanhar os perfis de pessoas do meio.

Por outro lado, como é evidente, incorporar a rede social “no campo” também acrescenta novas problemáticas à pesquisa. Na sociologia e outras disciplinas afins, os sentidos e efeitos do uso da internet e das redes sociais são amplamente debatidas. Turkle (1997), ainda nos primórdios da conexão em rede, com agudeza denunciou as pesquisas vindouras.

Um sistema de redes em rápida expansão, conhecido coletivamente por Internet, liga milhões de pessoas em novos espaços que estão a alterar a forma como pensamos, a natureza da nossa sexualidade, a organização das nossas comunidades e até mesmo a nossa identidade (Turkle, 1997:11).

Desde o início, já se descortinavam os efeitos da rede mundial de computadores para os sujeitos, que não eram mais “como figurinos sólidos postos sobre territórios bem recortados, mas como distribuições nômades correndo sobre um espaço dos fluxos” (Levy, 2011:139). Com o passar dos anos, e com o avanço, popularização e dinamização da internet, outras questões vieram no encalço dos pesquisadores: dúvidas sobre os elementos-chave da cultura atual a partir da rede, seus formatos e usos, concebidos ora como alienantes e desagregadores, ora como elementos que facilitam a sociabilidade e se estendem para o off line.

São questões que se discutem *ad infinitum* nas próprias mídias, abordadas por numerosos pesquisadorxs e estudiosxs que lutam para entender os rumos e nuances da subjetividade, da sociabilidade, das construções identitárias e discursivas da contemporaneidade. Assim, por mais que se possa enveredar pela visão tipicamente negativa sobre o uso das mídias digitais, pensadas como extensão de uma deturpação ideológica-tecnológica de ordem maior (Postman, 1994), ou então embarcar na ideia de revolução digital, porta aberta para uma profunda e utópica mudança social, moral e mesmo humana (Levy, 2011), muitos estudos reforçam, mais comedidamente, a riqueza de fenômenos particulares nas mídias digitais, cujas questões tem expressão empírica e pontual. Desde estudos com as chamadas "comunidades virtuais" (Franco, 2015; Rheingold, 1996), passando pelas plataformas de interação mais específicas (Zago, 2013; Aspling, 2011; Turkle, 1997), até estudos de cunho teórico e abrangente, mas sensíveis às sutilezas de terreno tão complexo, evitam os grandes e polarizados diagnósticos (Baym, 2013; Lemos, 2010). Portanto, incorporar a rede social no campo é abrir a análise para diversas e desafiantes (ou manifestas novas maneiras) variáveis, significa ainda perceber que na experiência e na vida cotidiana das jovens gerações as redes sociais são quase naturalizadas como formas de sociabilidade e comunicação que fazem parte integral e central da existência “desde sempre”, sendo um desafio particular da pesquisa atingir esse "desde sempre" que,

muitas vezes, naturalmente, sequer é notado pelas jovens gerações.

Nesta pesquisa, entendemos que as redes sociais oferecem elementos para que “qualquer pessoa” – com acesso regular à internet, seja por computador ou através do telefone móvel – tenha espaço para elaborar uma “narrativa do eu” lida ou acessada por outras pessoas; nesse sentido, poderiam ser entendidas como meios “democratizantes” e instrumentos reflexivos.³ Ao mesmo tempo, observamos como se tornam novas formas de se engajar numa série de lutas e negociações simbólicas, incluindo – provavelmente, mais frequentemente – as que se dão em torno do status social: como novos instrumentos para a “apresentação do eu” na vida cotidiana (Goffman, 1985).

As pessoas manipulam sua imagem para construir uma *persona* “invejável” que pode ou não corresponder, em menor ou maior grau, àquilo que vive *offline*. Parece que a velha preocupação do crítico social Christopher Lasch (1978) sobre o surgimento de uma nova “cultura de narcisismo” – tese lançada décadas antes da criação e disseminação da internet –

³ A reflexividade virou conceito chave da sociologia contemporânea, principalmente através do trabalho de Anthony Giddens (1991). O antropólogo indiano Arjun Appadurai (1996:7) estendeu o argumento para abranger as realidades diversas de países “fora do centro”, onde as pessoas também encaram o desafio “moderno” ou “pós-moderno” de *self imagining*, associando esses processos especificamente aos meios de comunicação eletrônicos ao alcance de muitos ao redor do globo. Vale a pena citar ele: “Existe crescente evidência que o consumo dos meios de comunicação de massa ao redor do mundo frequentemente provoca resistência, ironia, seletividade e no geral, agência. Terroristas que se espelham em figuras que lembram Rambo (e os quais já geraram uma quantidade de contrapartidas não ocidentais). Donas de casa que leem romances e novelas como parte do esforço de construir suas vidas, famílias muçulmanas que se reúnem para ouvir discursos de líderes islâmicos gravados em fitas- cassete; empregados domésticos no sul da Índia que fazem turismo pegando pacotes para Caxemira; são todos exemplos da forma ativa em que as mídias são apropriadas pelas pessoas em todo o planeta. Camisetas, outdoors e grafites assim como música *rap*, *street dancing* e moradia de favela, todos demonstram que as imagens da mídia rapidamente se transformam em repertórios locais de raiva, humor e resistência” (tradução nossa).

encontraram novos cenários de potencialização. Como argumentam os críticos sociais menos pessimistas da atualidade, a reflexividade e o acesso à internet, antes excluídos dos processos mais visíveis de comunicação social ou da “indústria cultural”, podem estimular e viabilizar novas formas de participação social. Na melhor das circunstâncias, podem estimular reflexões sobre problemas simultaneamente individuais e coletivos, incentivar as pessoas à tomada de posição e ação. Têm uma grande probabilidade de funcionar, entre a juventude, como máquina intensificadora de ansiedades, incitando as pessoas a se apresentar em termos hegemônicos que, através das redes, circulam também de forma hegemônica. Por outro lado, a contestação pode se potencializar, produzindo espaços para atitudes e discursos divergentes. Essa problemática forma o pano de fundo para qualquer pesquisa sobre os atuais usos das mídias digitais, uma preocupação desta pesquisa.

Redes sociais numa cultura juvenil

Os rodeios organizados pelos CTGs paranaenses e, num sentido mais amplo, a cultura equestre popular da região, nos levaram - com certa naturalidade e espontaneidade - do campo rural para o espaço online, mas sempre *de forma conexa e fluida*, convivendo com muitas pessoas do meio ao mesmo tempo em que observávamos como falavam de si por meio das redes sociais. A população basicamente jovem se destacava, mostrando o que poderia parecer muito curioso: o discurso e as práticas de “tradição campeira” atrairiam um público juvenil que, se possibilitava ressignificações do termo “tradição”, também oferecia à pesquisa um caráter duplamente dinâmico, por se tratar de gerações de transição que vivem e fazem parte de uma mudança nos sentidos de ser homem e mulher “tradicionalista”.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) configura um dos principais difusores da *vida campeira* no sul do país, e está presente em diversas regiões nacionais e do mundo. Inicialmente criado como espaço de homossociabilidade, ou seja, de

convivência e camaradagem masculinas, no contexto específico de Rio Grande do Sul⁴, o movimento se viu diante da necessidade de incorporar as mulheres e permitir adaptações locais fora do Estado (Sopelsa, 2005). Contudo, o ideário não deixava de atribuir papéis sociais bem demarcados quanto ao que se entende como próprio do masculino e do feminino, a partir do inventado tropo de “peão” e “prenda”⁵, que associava a cada grupo atividades e atributos altamente diferenciados. No entanto, o curso da história se faz sentir de formas particulares dentro das associações tradicionalistas e campeiras, particularmente a reivindicação de meninas e mulheres – de construir um outro jeito de “ser prenda”, centrada também na cultura equestre e a participação nas competições esportivas de rodeio (Adelman e Becker, 2013).

A participação juvenil nas atividades campeiras, principalmente equestres, se torna cada vez mais expressiva para jovens garotos e garotas. Para além de um espaço de lazer, a vivência e a experiência nessas atividades passam a englobar cada vez mais investimentos que, além de tempo e dinheiro, incorporam um grande esforço emocional. “Ser campeiro” torna-se um “estilo de vida” imerso em uma forma particular de visão de mundo. Por sua vez, esse espaço tem traços singulares no sentido de promover interesses e práticas convergentes entre meninos e

⁴ Segundo Sedgwick (1985), que discute a construção dos espaços públicos modernos como *locus* de sociabilidade masculina, analisando também a posição – simbólica e material – atribuída às mulheres neste contexto.

⁵ Instituiu-se, nesse sentido, modos diferentes de ser peão e ser prenda, ideários calcados nas diferenças biológicas entre corpos femininos e masculinos, (re)afirma-os como totalmente opostos. Fazia-se referência às formas “adequadas” de se viver a masculinidade e feminilidade, relegando sempre a *força* como parte do corpo do homem, aspecto tido como o oposto da *fragilidade* dos contornos das mulheres. Nesse sentido, havia uma clara divisão das tarefas, sentimentos e ações, as quais preparam o “sexo frágil” somente para práticas leves “próprias” ao físico feminino. Caberia às mulheres, em sua “fragilidade”, o desempenho de atividades *prendadas* – “bordar”, “tricotar”, “cozinhar”, etc. – já que a força física, condição impulsionada à masculinidade do peão, é essência das atividades masculinas, tal como a peleia no campo, sua rudez, coragem e disponibilidade para as guerras.

meninas, que ultrapassa os esportes equestres, pois promovem convivências, diferentes de outros esportes, em um espaço compartilhado. Isso não significa que gênero é radicalmente “desconstruído” ou deixa de ser um princípio organizador em termos simbólicos e/ou práticos, mas coloca o desafio de examinar como esses termos vêm sendo re-negociados.

É também nesse sentido que vale re-colocar a questão dos meios digitais. Muito tem se falado dos processos de “hibridização cultural” da atualidade, ou como, em meio a fragmentações das paisagens culturais de classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade e diante de novo contexto demarcado pela aparição de uma “comunidade mundial”, o processo de construções das identidades se dá de maneira muito mais fluida e dinâmica. Como “descentrados”, os movimentos de identificação se tornam múltiplos e híbridos, articulando-se de acordo com circunstâncias específicas de espaço e tempo, além do acesso e interpretação das informações. Uma vez imerso nesse novo contexto de significação e, conseqüentemente, de identificação, o sujeito se insere num mundo de junção de fragmentos, onde é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias” (Hall, 1992:12). A internet e as redes sociais se criam e se expandem, tornam-se talvez o veículo mais importante ou mais intensificador dessa hibridização, fornecendo acesso a diversos elementos locais e globais para os processos individuais e coletivos de construção.

No universo estudado, a discursividade sobre tradicionalismo e/ou cultura campeira funciona como um forte elemento aglutinador, aproximando pessoas e ambientes rurais e urbanos, de classe média e de camadas populares. Dirigimos nosso olhar para jovens, meninos e meninas, rurais e urbanxs (ambigüidades, trânsitos) que, a partir da sua identificação com o mundo campeiro, tecem relações de sociabilidade que abrangem vários terrenos do cotidiano (estudo, trabalho, esporte, lazer e namoro). É importante ressaltar que, em torno deles e delas, uma cultura antes masculina vai se construindo como uma espécie de subcultura juvenil mista, na qual as meninas parecem ter

adquirido certo grau de conforto ao se pensar e se apresentar como “sujeitos sexuais” – mesmo cuidadosamente, através de mensagens sutis, subentendidas, cientes de estar ainda num campo minado.

A relação com o cavalo é significada pelas meninas, muitas vezes, como elemento de descoberta ou construção da liberdade (Pierson, 2001; Adelman & Knijnik, 2013). De forma distinta, para os meninos a relação com o cavalo talvez reforce um imaginário herdado de virilidade rural: ora o referente cultural remete ao gaúcho brasileiro, ora ao *cowboy* das mídias globais. De qualquer maneira, alguns jovens já mostram sinais de resignificação da masculinidade como reflexo da inclusão de meninas e mulheres num espaço antes majoritariamente homosocial, expressa na admiração pelas companheiras cavaleiras (como as “brutas”, categoria nativa explicada adiante) ou quando as falas sobre a homossexualidade passam a contemplar, para além das piadas costumeiras, o respeito à diversidade. Essas questões ganham as páginas do Facebook – atualmente, a plataforma mais utilizada, no Brasil e no mundo, para a construção de perfis, que se constituem como “narrativas do Eu e do outro” no cotidiano da *pós-modernidade conectada*.

O estudo: metodologia e descobertas

A primeira questão metodológica que demanda atenção nos estudos em mídias digitais é a seleção dos informantes. Apesar de redes sociais como o Facebook nos darem a impressão de termos em mãos um grande catálogo de possíveis informantes, a seleção depende, invariavelmente, das perguntas e das estratégias de inserção no campo, tornando a seleção em nada fortuita, fácil ou simples, mesmo quando comparadas à seleção de informantes no *offline*.

Nesse sentido, escolhemos os perfis tendo em vista dois critérios cumulativos. Em primeiro lugar, e mais óbvio, deveria ser o perfil de um/a jovem com certo grau de afinidade com o mundo campeiro. Em segundo lugar, o perfil deveria apresentar uma

frequência de postagens – e considerando que alguns jovens que atendiam o primeiro critério pouco utilizavam seus perfis de Facebook, o segundo critério foi determinante. Notamos que alguns usuários faziam várias postagens seguidas e no mesmo dia, mas às vezes passavam dias “ausentes” da rede social. Provavelmente a ausência esteja relacionada às dificuldades de acesso à internet no Brasil – um público tipicamente de classe média, letrado, jovem e urbano (Miskolci, 2011).

Além desses critérios, e agora refletindo sobre nossa estratégia de inserção no campo, foram escolhidos jovens da região metropolitana de Curitiba (Campina Grande do Sul, São José dos Pinhais), o que inclui espaços considerados urbanos (cidades pequenas ou de porte médio), rurais e semi-rurais. A questão da localidade acabou sendo um filtro espontâneo, na medida em que a inserção inicial se deu através de contatos prévios das pesquisadoras no meio campeiro da região, o que trouxe obrigatoriamente jovens locais. Além disso, quando um/a jovem passava a incorporar a amostra em análise na sua rede de amigos, tínhamos acesso a outros jovens campeiros dessa parte da região metropolitana de Curitiba. Vale reforçar que a seleção de perfis online de informantes regionais só foi possível pelo histórico, experiência e sociabilidade das pesquisadoras com o mundo campeiro da região de Curitiba, de modo que as pesquisas com mídias digitais não podem se furtar ao hibridismo do *offline* e *online*, ou seja, não há limites entre essas esferas, já que são extensões uma da outra.

Além da seleção dos informantes, a metodologia para uma pesquisa com perfis de Facebook implica necessariamente pensar as especificidades dos perfis de Facebook e as possibilidades investigativas que oferecem. Cada mídia tem suas potencialidades e limitações à comunicação, de modo que seu uso e entendimento dependem dessas especificidades (Baym, 2013). Uma das especificidades do Facebook é seu senso de novidade. A rede social Facebook prioriza as novidades, aquilo que alguém está pensando no momento, que está vendo naquele instante da postagem e, portanto, a pessoa só consegue ser (e

acrescentaríamos se mostrar) aquilo que ela é agora, no exato instante em que realiza a postagem e ela permanece fixa no topo da página (Boudreau, Dixon, 2013). Durante a observação dos perfis com vários 'agoras' dos jovens campeiros, percebemos que mesmo retrospectivamente ainda guardavam seu sentido original e imediato e, portanto, estivemos atentas ao trânsito de significados e discursividades nas primeiras observações de acompanhamento dos perfis.

Durante 15 dias, os perfis selecionados não sabiam que estavam sendo observados, estratégia pensada para não criar um retraimento ou uma disposição não habitual quanto às postagens. Nesse período, assumimos a postura de pesquisadorxs *lurkers* – observadores que não são notados pelos observados (Braga, 2008, Amaral, 2010). Essa postura só é possível pela própria especificidade das mídias digitais, inclusive o Facebook, próprio ao compartilhamento de informações e à navegação anônima e imperceptível. Entretanto, optar por um caminho investigativo que não incluía o contato direto nos colocou um impasse metodológico que, ao final, foi absorvido como elemento dessa metodologia. Posto que não tínhamos uma relação assumida enquanto pesquisadores num primeiro momento, trabalhamos com informações disponíveis nos perfis.⁶ Diferente de interpretar isso como uma lacuna, procuramos o sentido dessas novas discursividades e narrativas do eu, empreendendo a análise a partir dos dados disponibilizados (idade, localidade, inserção profissional, etc).

O esforço observacional desses perfis foi precedido por considerações sobre as manipulações imagéticas que ocorrem no online e em como exposições pessoais são negociadas no sentido de manter um determinado eu diante dos outros. Desse modo, ao perseguir as manipulações e exposições seguimos um caminho

⁶ Certamente que a inserção prévia das pesquisadoras no meio campeiro trouxe, no caso de alguns perfis, um conhecimento extra, pois tinha-se de antemão algumas informações obtidas pelas interações presenciais em contextos e espaços anteriores. Todavia, como nossa análise se restringiu aos perfis de Facebook, desconsideramos as informações provenientes de convivências passadas.

etnográfico e intuitivo, já sugeridos em outras pesquisas com redes sociais (Pascoe, 2012). Isto é, ter um perfil na rede em questão, adicionar pessoas, e observar o que elas fazem, postam. Assim, adicionamos vários perfis ao nosso próprio perfil de Facebook, essa observação resultou um número final de 13 perfis de jovens campeiros, criteriosamente analisados, que atendiam aos critérios de seleção, seis rapazes e sete garotas. Nosso olhar analítico voltado para esses jovens buscou sinais das novas discursividades e narrativas do eu, nas quais o uso das mídias digitais parece atender a uma performance identitária.

Com vistas a sistematizar a análise, cada perfil foi dissecado em vários elementos observáveis. Inicialmente a foto de capa do perfil (maior e ao fundo, geralmente paisagens ou perspectivas amplas) e a foto do perfil (menor, colocada à direita, geralmente destacando o rosto). Observamos também as *curtidas* que cada perfil acumulava, pois entendemos que as curtidas a outros perfis (mesmo que na displicência de um clique do mouse) poderiam sugerir um significado identitário relevante. As curtidas foram separadas em quatro categorias: Campeiro, Religioso, Política e Outros. Por fim, analisamos o conteúdo que cada perfil compartilhava em sua *timeline* – página de apresentação que reúne o histórico das ações executadas desde sua criação. Ao longo da observação percebemos que as postagens giravam em torno de quatro elementos - imagens, fotos, vídeos, textos e as *hashtags*⁷ – que serviam de âncora para os significados pretendidos em cada postagem, por exemplo, uma foto relacionada a uma prática campeira, um texto acompanhando a foto, ou uma *hashtag*, reforçando um elemento particular.

O Facebook tem, portanto, especificidades funcionais, que são seus modos de funcionamento enquanto plataforma de interação. Foi nos meandros desses modos que percebemos como as pessoas

⁷ Recursos textuais marcados pelo sinal # antes de uma palavra, e que no Facebook funciona como um agrupador temático (a *hashtag* #verão, se clicada, trará diversas postagens recentes que tiveram em seu corpo esta *hashtag*), mas no uso reinventado serve como um realçador de sentidos pretendidos (como em #verão, ressaltando que é ou se está no verão).

manipulam imagens de si (Baym, 2013) online, negociando o que, e quanto, expõem de si mesmas (Pascoe, 2011) e, ao mesmo tempo, reforçando a ideia de um certo eu que será mantido diante dos outros (Miller, 1995). Jovens postando imagens de cavalos, letras de música, *curtindo* este ou aquele perfil (seja de um produto, de uma banda, às vezes até mesmo um de um ditado), não apenas expressam seus gostos, mas exploram novas discursividades e narrativas do eu.

Esses jovens se relacionam com uma ampla gama de elementos e discursos culturais. Acompanhando os gostos traduzidos pelas curtidas nas páginas de interesse (que podem gerar algumas dezenas de curtidas até centenas de curtidas espalhadas por diversas páginas de interesse), a preferência pela cultura campeira e seus símbolos dividiu o espaço central dos perfis com outros signos culturais, que nada se assemelham ao estilo de vida no campo, algumas vezes poderiam até ser tomados como opostos, como a menção a marcas de roupas importadas, itens eletrônicos de consumo ou filmes hollywoodianos. Isso fica mais evidente na ampla gama de estilos musicais curtidos⁸ e publicados, que poderiam ser pensados como avessos a uma vida no campo – rock, pop, reggae, pagode e até mesmo música eletrônica eram recorrentes, enquanto as músicas campeiras não tiveram espaço significativo na *timeline* dos perfis. É interessante apontar que nenhum dxs jovens pesquisadx publicou músicas campeiras e/ou tradicionalistas de forma direta, optando mais pelo estilo pagode e pop; para as garotas, a referência às músicas tradicionalistas foi limitada ao *verso* – letras de músicas como legendas para suas fotos com seus cavalos ou éguas, ou momentos descolados e/ou circundantes às atividades campeiras.

Porém, estxs jovens demonstraram que ao invés de pensar em opostos, é mais enriquecedor notar os trânsitos e hibridizações a que estão expostos e que fazem acontecer. A partir das diversas

⁸ Lembrando, sempre, que nesse contexto o *curtido*, ou *curtida*, não é simplesmente um gosto ou preferência e sim a manifestação pública desse gosto ou preferência através de um ato online deliberado de publicização.

curtidas em páginas de interesses notamos curtidas que parecem unir dois universos e colocá-los em diálogo – ou, ao menos, realizam essa união através do universo (digital), em si mesmo propício ao diálogo. Desse modo, não foram encontradas postagens explicitamente políticas ou de crítica social. Entretanto, seria precoce qualquer análise que tomasse esses jovens como apolíticos. Certamente, é mais produtivo notar que a narrativa do eu permite uma segmentação política que comporta outra exposição que não a da militância aberta ou debate público em redes sociais, pois nelas parece predominar uma narrativa mais fluida. Para além das curtidas em perfis de políticos – que, curiosamente, são locais, como prefeitos das cidades desses jovens e não os grandes medalhões da política nacional – vale notar as curtidas em outros perfis de conteúdo político e que perfazem manifestações híbridas.

A página de interesse “O sul é meu país” apareceu curtida, e isso talvez não espante posto que esta frase ideológica de fundo separatista é comum, e já antiga em décadas, no meio tradicionalista do sul, mas a surpresa é que ela encontra vazão em uma mídia digital contemporânea. Neste caso em particular, notamos como as novas mídias têm o poder de perpetuar ou até reciclar antigas ideologias políticas no discurso de novos agentes, talvez ressignificando a própria ideologia. Outra manifestação híbrida e de caráter político está na curtida a uma página de interesse que se posiciona num debate importante para o meio campeiro e tradicionalista – a proibição dos rodeios (o perfil curtido é contra a proibição). Sob risco de perder a riqueza sociológica dessas questões, vale ressaltar que essa manifestação vem de uma rede social, através de mídias digitais, não obstante rodeio e Facebook possam facilmente aparentar opostos totalmente assimétricos.

Na esteira dessas hibridizações, esses rapazes e garotas nos fazem pensar na ressignificação, uma experiência que passa a ser constitutivamente examinada à luz de informações e ideários acerca dessas práticas, cedendo cada vez mais novos sentidos e alterando constitutivamente seu caráter (Giddens, 1990). A própria

experiência é resgatada através de um viés situacional, de cunho narrativo e digital. Tendo isto em vista, sugerimos que a internet e as redes sociais intensificam esses processos, cuja discursividade sobre a experiência campeira se torna um elemento aglutinador que tende a aproximar elementos e características entendidas como do “mundo rural”, de um lado, e do “mundo urbano”, de outro, mas que, ao final, se juntam na experiência vivida da contemporaneidade.

A partir dessa lógica, nota-se a integração de características tidas como do campo e da cidade que, se antes eram pensadas como opostas, se integram e possibilitam práticas, construção de subjetividades e estilos de vida múltiplos, constituídas de acordo com suas referidas realidades sociais. Para esses jovens, o estilo de vida campeiro não é exclusivamente rural, já que estão imersos em uma múltipla trama cultural, permitindo trânsitos diversos e livres por espaços sociais pensados como distantes ou não comunicáveis entre si. A juventude campeira participa ativamente dos processos em curso, que começam a desmanchar as fronteiras entre campo e cidade, nas práticas e nos discursos. Enquanto muitos jovens residentes nas cidades resgatam uma herança familiar real ou fantasiada com o meio rural, os jovens do campo encontram nessa convivência uma revalorização de suas raízes camponesas, um passo no sentido de desconstrução de hierarquias e desigualdades.

A análise das fotos de capa e do perfil revela que é absolutamente comum o uso de fotos campeiras, dando a impressão de que são jovens tentando se mostrar como pertencentes a um mundo puramente tradicional e campeiro. Tanto é que na maioria das vezes, as duas fotos são campeiras a pessoa sobre o cavalo, participando de provas de laço comprido, ou de eventos/situações que remetem ao mundo tradicionalista e de práticas equestres. Outra associação muito comum é a indumentária: as fotos quase sempre repetem um jeito das pessoas

se vestirem, em alguma medida *pilchados*.⁹ Se partirmos do pressuposto de que o Facebook é uma reivindicação/performance identitária, mostrar-se vestido como campeiro passa a ser fundamental, particularmente mostrar-se pilchado em uma grande foto no perfil de Facebook. Mas mostrar-se pilchado, talvez símbolo máximo da identidade campeira, enfrenta as hibridizações em pelo menos dois sentidos. O primeiro remete à cotidiana manipulação de signos, que inclui composições ambíguas - em determinados momentos estar pilchado, em outros trajar calça jeans de moda evidentemente urbana, talvez comprada em um *shopping*, tão orgulhosamente exibida quanto as botas de cavalgar. O segundo é a relação diária com o aparato tecnológico contemporâneo.

As fotos são veiculadas em uma rede social, mas são fotos sobre o mundo campeiro, de eventos ou experiências a ele associadas. Um rapaz coloca uma grande foto de sua participação no “18 Rodeio Crioulo Interestadual”, fazendo dessa postagem de Facebook um desdobramento, e mesmo continuidade, do evento campeiro. Isso tenciona a separação do urbano e tradicional, mas também a falaciosa cisão *offline/online* tensão aqui alimentada pelo elemento juventude, afinal, esses jovens fazem a intersecção de aparentes opostos excludentes. A tensão daquela separação e dessa cisão também aparece na prática do *selfie*. Tido como uma dessas febres que acometem o mundo online, o *selfie* – foto tirada de si e geralmente frontal e com rosto em destaque – também aparece de forma massiva nos perfis desses jovens campeiros, usando os *selfies* para se mostrarem em práticas campeiras. Assim, *selfies* de garotas pilchadas, garantindo que se entenda sobre o que e onde é a foto, são acompanhadas do texto “rodeio #diferenciado”, reforçando a intersecção.

⁹ Vestindo a roupa adotada pelo Movimento Tradicionalista, em si uma resignificação da cultura das pampas, traduzida hoje para um contexto “pós-moderno” no qual existe um amplo mercado para bens tradicionalistas, dentre esses as calças “bombachas” (levemente diferenciadas para homens e mulheres, camisa ou camiseta polo, chapéu, bota, cinto (usado mais pelos homens) e lenço (usado por mulheres e homens).

Esses jovens campeiros em suas discursividades promovem algumas confluências que pareceriam improváveis no passado. Inclusive os eixos de socialização pelos quais transitam são, num primeiro e rápido olhar, incongruentes. Um deles remete aos eventos e acontecimentos do mundo campeiro (rodeios, festas e ocasiões similares), outro é o Facebook, onde o primeiro eixo serve como apoio, um tipo de matéria prima para socializações/sociabilidades. Ao invés de praticarem isso ou aquilo, esses jovens hibridizam suas realidades. Nesse sentido, as mensagens publicitárias também são significativas, como os anúncios de rodeios, a prática do laço comprido, ou o comércio de itens e equipamentos equestres e/ou tradicionalistas. Ou seja, as mídias digitais parecem absorvidas pelo mundo campeiro e, com seus valores e práticas, ressignificam o uso das mídias digitais – não há colonização do “moderno” sobre o “tradicional”, mas um jogo de reações e trânsitos.

Há outra questão fundamental às dinâmicas identitárias e híbridas desses indivíduos. O domínio específico da linguagem de uma rede de sociabilidade indica a ideia de “pertencimento”, mas na mesma medida que aproxima busca afastar. Ultrapassando os indícios explícitos acerca da produção teórica e artística tradicionalista campeira, tornou-se significativo durante a pesquisa o compartilhamento e constante recorrência às gírias, “trejeitos” linguísticos e até mesmo de signos bem particulares aos círculos de amizades e convivência. Acompanhados de *hashtags* (sinal tipográfico seguido de palavras curtas que buscam situar acontecimentos de forma rápida e clara), muitas postagens localizavam um acontecimento, tanto espacialmente, como no seu núcleo de relações sociais. Seguidos #tavabaodemais, #rodeio, #peleando, #cadinho, #pinhão, #querência, etc, recordava momentos passados nas festas, treinos, cavalgadas, provas de rodeios, entre outros encontros e atividades.

A possibilidade do “falar sobre” determinada experiência tem recortes e contornos linguísticos particulares, que propõe justamente sua tradução para além do seu grupo específico, além de demarcar fronteiras – um movimento ambíguo e dialógico. Mas

a hibridização retorna ao notarmos essas *hashtags*, usuais nas mídias digitais atualmente, as quais parecem cumprir uma função expressiva, também explicativa, e ao mesmo tempo, reveladora de como jovens do meio tradicionalista podem ser versados, em maior ou menor grau, com novas linguagens tecnológicas – e podem apropriar-se delas misturando novos recursos e antigas gírias, #peleando, #cadinho, etc. Como indicado, uma *hashtag* pode trazer uma sensação, um sentimento, mas também explicar a postagem (de onde foi tirada, etc.), engrossando a camada de sentidos e de comunicação. Duas garotas do meio tiraram uma *selfie* juntas num rodeio, sorridentes e com franca expressão de felicidade, postam a foto acompanhada de uma irônica *hashtag*: “#chateadas”. Assim, é preciso observar que as *hashtags* são recursos derivados da plataforma Twitter e que transitam para a rede social Facebook. Sua manipulação (inclusive inventiva e para além do propósito original) denota o domínio desses jovens campeiros das novas linguagens tecnológicas, ou seja, eles habilmente usam o novo para falar do tradicional.

Por outro lado, essa linguagem tecnológica pode servir de recurso suplementar às limitações comunicativas anteriores. Por exemplo, o costume de postar mensagens – particularmente através de imagens com textos embutidos – pode refletir um misto de comodismo e dificuldade de expressão. Comodismo porque utilizam um recurso do Facebook que isenta a pessoa de escrever um texto pessoal (já há um texto pronto e pré-formatado); dificuldade, porque se precisasse escrever um texto pessoal talvez não conseguisse, pois não está habituada à discursividade – daí também a importância do apelo imagético, praticamente um pilar comunicativo nos perfis observados. Um terceiro elemento remete à exposição do eu de forma implícita, ponderando o que expor, o que distorcer, o que esconder (Baym, 2013). Assim, o compartilhamento de uma mensagem motivacional pode indicar que a pessoa precisa daquela motivação, contudo, isso não é explicitado tampouco detalhado.

Representando gênero

Das confluências que jovens campeirxs estão vivendo e expressando, certamente, algumas atingem masculinidades e feminilidades. Se voltarmos à observação das roupas, além do aspecto imagético, elas parecem demarcar também uma questão de gênero, pelo menos para o lado masculino, em que as roupas campeiras parecem ser mais normativas, quase uma constante absoluta nas fotos postadas no Facebook – menos frequentes quando comparadas com as fotos postadas pelas garotas, talvez indicando uma resistência masculina à exposição de si enquanto corpo e imagem.

O gênero também é marcado por mensagens. Um caso notável foi de um rapaz que postou uma mensagem motivacional.

Sempre me sinto feliz, sabe por quê? Porque não espero nada de ninguém. Esperar sempre dói. Os problemas não são eternos, sempre têm solução. O único que não se resolve é a morte. A vida é curta, por isso, ame-a!

Um amigo, também jovem campeiro, o acusou de gay, provavelmente porque a mensagem tinha certo conteúdo intimista. O acusado retrucou, num misto de provocação e piada – “Ai machão...” – e ambos escreveram sinalizando “risos”. Observamos aqui uma vigilância heteronormativa (mesmo disfarçada pelos risos e o tom de brincadeira), sugerindo uma homosociabilidade lúdica através da vigilância heterossexual que se repete entre jovens campeiros no contexto das mídias digitais.

A homosociabilidade, no sentido de “camaradagem masculina”, demarca espaços e atitudes de gênero. Um rapaz postou uma foto e um texto em que expressava respeito pelo parceiro ao longo de dois anos de convivência; o elogiado retrucou postando que *ele é quem é*, agradecendo a parceria. Notamos que da sociabilidade campeira/rural, que se estende ao digital/moderno através de fotos partilhadas em redes sociais, surge um impulso que enseja a homosociabilidade masculina –

aqui resumida pelo termo “parceria”. Essa dinâmica homosocial, de reconhecimento mútuo e troca de elogios, não é incomum. O termo “parceria” torna-se significativo mediante recorrência em postagens de homens se referindo a outros homens. Outro rapaz postou uma foto ao lado de um amigo em um rodeio seguida do texto “Aqui a parceria é forte!”. Revela-se assim a importância de uma categoria nativa – parceria / parceiro – no universo campeiro, em particular nas dinâmicas masculinas – talvez rotular um homem (ou a relação entre homens) como parceiro/parceria alivie a sociabilidade masculina, sempre refém do espectro da homossexualidade (Sedgwick, 1985). Ter um parceiro é ter uma relação com outro homem, mas uma relação louvável, com um sentido de força e credibilidade, e absolutamente dentro da apaziguadora norma. Na parceria as fronteiras da heteronormatividade são (supostamente) resguardadas.

Contudo, diferente de pensar que são jovens rendidos a uma heterossexualidade compulsória e tradicional em seus desdobramentos, é preciso notar os meandros de sua discursividade reflexiva. Um dos rapazes fez uma postagem que tocava direta e criticamente nas questões de gênero – uma imagem-texto crítica à rotulação de pessoas e pré-julgamentos, inclusive no tocante à sexualidade.

Se você é gay, é pecado. Se você é bissexual, é confuso. Se você é muito magro, usa drogas. Se você é gordo, come demais. Se você anda bem vestido, é riquinho. Se você anda mal vestido, é favelado. Se você diz o que pensa, é grosso. Se você não diz o que pensa, é falso. Se você chora, é dramático. Se ela tem muitos amigos homens, é piranha. Se ele tem muitas amigas mulheres, é viado. Será que um dia vamos viver num mundo sem rótulos? (grifos nossos).

A discursividade sobre os outros, ou em tom vago de crítica, veicula a reflexividade desses rapazes acerca de questões de gênero, mas também aquela que emana do corpo e da imagem de si intencionalmente produzida – mesmo que os rapazes campeiros não pareçam muito à vontade para se expor no Facebook. Por

mais que possa parecer um tímido abalo nas normas generificadas, e talvez em meios urbanos possa ser pensado como transgressão, é preciso observar que muitos rapazes campeiros têm os cabelos cortados conforme a moda, certamente rendidos à preocupação estética; inclusive cabelos com luzes em provas de laço comprido. Um dos rapazes observados publicizou em sua *timeline* o cuidado estético de si, cortar cabelo: “Dando um tapa no visu!!!”, mencionando o nome do lugar: *barbearia*, seguido de palavras em língua inglesa, sugerindo que não é um cabeleireiro comum.

Os perfis das garotas trazem a mesma reflexividade. Uma garota postou uma *selfie* acompanhada do texto: “Se não for feliz solteira, também não vai ser namorando. A felicidade vem do interior, não de um homem”. A defesa pessoal da condição de solteira é perpassada por uma crítica à lógica cultural do amor romântico¹⁰ – não precisamos de outra pessoa (no caso, um homem) para ser feliz, o que implicitamente ataca a lógica cultural do acasalamento heterossexual. Além disso, embutido como legenda em um auto-retrato, ganha um significado particular, mas para o público em geral - mesmo para os pesquisadores *lurkers* - passa despercebido em sua totalidade, exemplificando a estratégica e calculada exposição de si permitidas em mídias sociais como o Facebook.

Nos termos desta pesquisa e do já mencionado histórico masculinista nesse meio, é significativa a observação, em especial nos perfis de garotas, de fortes indícios de rupturas acerca dos ideários largamente compartilhados quanto às características de gênero. Como um espaço de expressão de gostos e preferências, as meninas tomam posicionamentos ativos em suas postagens e curtidas, rompendo em certa medida com premissas engessadas acerca dos “padrões femininos” de comportamento (propostos justamente na figura da *prenda* tradicionalista). Protagonizando

¹⁰ Uma crítica nada menosprezível, se tomarmos em conta que uma das grandes contradições do “pós-feminismo” abraçado pelas mídias hegemônicas é a forma em que “aceita” e abjetifica as mulheres solteiras (Taylor, 2012).

uma expressão sexual significativa, o partilhamento de páginas de interesse – “Solteira com orgulho” e “Solteira sim” – aponta para novas formas de experienciar e dar sentido a suas identidades e vivências sexuais.

Além disso, a discursividade acerca dessas experiências e anseios também marca as páginas, a exemplo de uma garota que posta um vídeo em que ela canta sua própria versão de uma música famosa. Acompanhada de um menino que toca violão a seu lado, ela substituiu a letra dirigida a uma “mulher interesseira” por uma mensagem destinada a um “homem sexualmente ausente”: “entrei numa roubada”, “desculpa, meu amor, mas eu vou ter que dizer que o negócio tá fraco...”, “você já foi mais ousado”, “ce tem que quer pegada senão eu não quero.. é assim que nois gosta... Tem que ergue, garra, beijar, morde, fazer suar no lepo lepo..”. Essas expressões remetem às preferências sexuais, tornando essas mulheres sujeitos e porta-vozes do desejo: “é assim que nois gosta”.

Os rapazes também ensejam as possíveis ressignificações em torno do gênero em suas narrativas do eu, seja criticando os estereótipos, também relativizando o tipo de cuidado de si permitido a um homem, ou revendo as representações sobre as mulheres. A postagem de um rapaz com uma garotinha (possivelmente sua filha) vestida à campeira motiva significativamente as *hashtags* #vaiserdomeio e #essavaiserbruta. Apesar de não sabermos em que sentido a palavra *bruta* foi empregada, é flagrante sua pertença ao universo gendricado, em que brutalidade, espera-se, é dos homens; aqui, porém, associado a uma garotinha, que #vaiserdomeio campeiro/tradicionalista, pode ter tanto um efeito cômico, quanto relativamente subversivo; talvez o rapaz, nessa postagem, partisse do universo significativo campeiro e visse como positivo que sua filha fosse *bruta*, e talvez *bruta* seja algo positivado para mulheres campeiras.

Os discursos desses jovens campeiros comportam, obviamente, algumas reproduções das representações de gênero, em particular das mulheres, enaltecendo os padrões esperados de uma mulher que monta, que não escapa à associação (e

vangloriamento) entre beleza e feminilidade. As curtidas nas páginas de interesse dedicadas às mais belas laçadoras – “As prendinhas mais lindas do laço perfumado paranaense” ou “Laço perfumado” –, curtidas pelas garotas que tiveram o perfil analisado, sugere o resgate ou manutenção da vaidade e características tidas como femininas no meio campeiro, tão suscetível a hibridizações e trânsitos.

Sentidos de ser jovem

A categoria “jovem” se insere em um constructo social articulado com elementos diversificados percebidos como pontos que cedem múltiplos sentidos à ideia de “juventude”, de modo que essa categoria pode aferir novas maneiras de se compreender justamente esses “pontos” (Pereira, 2010). A própria experiência campeira é particular a cada um desses jovens, que ainda desfrutam da categoria “jovem” de formas particulares face às suas vivências pessoais no campo e na cidade. É possível apreender esses movimentos como a produção em processo de novos e diversos rearranjos quanto ao conceito de “juventude”, em que nem mesmo sua “condição histórico-cultural se oferece de igual forma para todos os integrantes da categoria” (Margulis *apud* Pereira, 2010:1) – a ideia da “condição de juventude” torna-se, portanto, uma discussão mais plausível e sensata.

Ao superar o conceito absoluto da “juventude campeira”, nota-se a significativa presença de eixos particulares de estilo e sociabilidade no grupo pesquisado. Além de jovens campeiros e campeiras, esses indivíduos parecem enaltecer suas particularidades nas múltiplas possibilidades de “ser campeiro”, apontando o mundo das mídias digitais como um espaço importante para a sociabilidade e estruturação de suas identidades individuais e coletivas. Seus modos de perceber e narrar as identidades mostram-se também flexíveis e ecléticos.

Esse ecletismo se mostra nas categorias nativas, que comumente trazem referências a outros universos culturais de práticas, representações e significados. É frequente, por exemplo,

a menção ao “esporte classe A”, como na frase incorporada à foto de um cavaleiro na arena, não por acaso a foto do perfil do rapaz (presumivelmente o cavaleiro da foto): “Eu sofro na despedida, Laço Comprido é minha vida, é o esporte classe ‘A’”. Essas e outras menções sugerem a necessidade de visibilizar a prática do laço comprido, definitivamente, como esporte – talvez num afastamento de mero lazer ou *hobby*, que diminuiria o significado da prática. Essa garantia é propiciada pelos recursos das mídias digitais, tendo como pano de fundo outras práticas esportivas, uma narrativa do eu inventiva, na qual elementos diversos são evocados, mas não cristalizados, mas, arriscamos, ordenados de modo pós-moderno.

Por outro lado, a associação desses jovens com o mundo dos esportes revela a permeabilidade a outros eixos de questionamentos, como a discussão realizada na sociologia do esporte acerca dos atuais processos de “esportização”, agregando atividades que se davam fora da arena do esporte moderno e competitivo.¹¹ Ao analisar as curtidas desses jovens nos perfis de Facebook, percebemos que muitas são dirigidas a páginas que reforçam o laço comprido como um esporte e seus participantes, atletas, sugerindo que mesmo imersos no meio equestre possuem suas rivalidades com outros meios (esportistas), estando antenados e reflexivos ao mundo que os cerca.

Outra categoria nativa que mostra o ecletismo e a flexibilidade desses jovens, agora entrando no campo semântico religioso, é a do “patrão do céu”. A referência a Deus é curiosa, pois o termo patrão talvez seja comum no meio de CTG’s, cabanhas e lida com animais, mas aqui é apropriado para falar da existência do patrão do céu, Deus. Essa imersão no campo religioso não é propriamente estranha a esses jovens, que manifestam no Facebook outras narrativas do eu permeada pela

¹¹ Nesse caso, trata-se de práticas oriundas da lida no campo, que se organizam de acordo com as regras e parâmetros dos CTGs. De fato, muito ilustrativo do conceito elaborado por Elias e muito em argumentado no reconhecido livro de Elias e Dunning (1992); Maguire (1999) avança discussões ao discutir a união de várias indústrias e mercados em torno de um *global sport media complex*.

religião, seja em termos genéricos, como curtir uma página chamada “*Nossa Senhora, cuida de mim*”, até mais explícitos de uma hibridização de demarcadores identitários, como curtir a página “*Campeiros de Cristo*”. Ressaltamos, mais uma vez que se o encontro entre mundos campeiro/tradicional e religioso é híbrido, se torna ainda mais dialógico na manifestação em uma rede social na internet, onde um Eu está sendo apresentado, ou até mesmo confeccionado, diante de vários perfis, uma plateia mais ou menos silenciosa, mas sempre esperada.

Conclusões: um tradicionalismo muito (pós)moderno

Usar o Facebook é fazer parte de processos muito atuais de circulação de discursos, em que cada usuárix é constantemente incitadx a elaborar uma narrativa de si, textual e/ou imagética, de apresentar e gerenciar seu Eu conforme as expectativas de uma cultura atual globalizada, ao mesmo tempo, atravessada por muitas diferenças, inserida numa complexidade de lutas simbólicas e materiais e não necessariamente refratária às dimensões locais ou específicas de grupos particulares ou “subculturais”.

No caso desses jovens do meio campeiro e sugerindo fazer parte de um cenário político e cultural bem mais complexo e dinâmico do que os críticos do tradicionalismo dos anos 90 sugeriam¹² – se assemelham a outrxs jovens de sua geração (Weller, 2005; Pereira, 2010; Pires, 2014) de um Brasil que, entre outras coisas, hoje em dia discute desigualdade de gênero, de raça/etnia, diversidade sexual, acesso e preservação de patrimônio cultural e material, biodiversidade e meio ambiente.

Questões de gênero e de revalorização do rural são elementos deste cenário que repercutem de formas particularmente pertinentes entre a juventude campeira, desde a

¹² Cf. Becker (2013) para um resumo dos intensos debates ao respeito do conservadorismo político do MTG que se desenrolaram particularmente na década de noventa.

inserção dessa prática numa herança rural que envolve grupos populares e das elites, até o marcante fato da conquista das mulheres de uma nova participação no meio, que coincide (e não deve ser “mera coincidência”) com o surgimento da internet e das novas mídias digitais. Nossa pesquisa no Facebook representa apenas um primeiro momento de um trabalho que pretendemos continuar, perseguindo algumas pistas, a exemplo da possível abertura para a desconstrução da heteronormatividade compulsória e da produção de novas formas de ser mulher, utilizando a rede social como janela singular aos anseios, desejos e contradições vividas por jovens brasileiros, num mundo onde, ao mesmo tempo em que as aspirações crescem, o futuro se mostre, talvez mais do que nunca, muito incerto.

Referências bibliográficas

- ADELMAN, Miriam. “As prendas também vestem bombacha!” Mulheres, homens e novas configurações de gênero no mundo do rodeio paranaense. In: DA LUZ, Nanci Stancki Casagrande; LINDAMIR, Salete. (Orgs.) *Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares*. Curitiba, Editora da UTFPR. No prelo.
- ADELMAN Miriam e LECHACOSKI, Leandro. Qui est prenda, qui est peao ? Renégocié des *corporéités* et des subjectivités dans le rodéo du Sud du Brésil. In: AYRAL, S. e RAIBAUD, Y. (Orgs.) *Pour en finir avec la fabrique des garçons. Vol 2: Loisirs, sport, culture*. Bordeaux, éditions MSHA, 2014, pp.147-158.
- ADELMAN, Miriam e KNIJNIK, Jorge. Introduction - women, men and horses: looking at the equestrian world through a gender lens. In: ADELMAN, M e KNIJNIK, J. *Gender in equestrian sport: riding around the world*. Dordrecht/Heidelberg/New York/London, Springer, 2013, pp.1-14.
- ADELMAN, Miriam e BECKER, Gabriela. Tradition and transgression: women who ride the rodeo in southern Brazil. In: ADELMAN, M e KNIJNIK, J. *Gender in equestrian sport: riding around the world*. Dordrecht/Heidelberg/New York/London, Springer, 2013, pp.73-90.

- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*. São Paulo, 2010, n° 86, pp.122-135
[<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13818/15636> - acesso em: maio 2013].
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1996.
- ASPLING, Fredrik. The private and the public in online presentations of the self: a critical development of Goffman's dramaturgical perspective. Dissertação de Mestrado, Sociology, Stockholms Universitet, 2011.
- BARBERO, Jesús Martín. Jóvenes: comunicación e identidade. *Revista Digital de la OEI Pensar Iberoamérica*, vol. 0, 2002, pp.7-14
[http://www.comisionporlamemoria.org/investigacionyense%C3%B1anza/pdf_biblioteca/Barbero.pdf - acesso em: maio 2014].
- BAYM, Nancy K. *Personal connections in the digital age*. Malden, Polity Press, 2013.
- BECKER, Gabriela. Prendas e peões num mundo em transição? A participação feminina nas práticas equestres do laço comprido. Monografia de graduação, Ciências Sociais, UFPR, 2013.
- BOUDREAU, Kelly; DIXON, Shanly. Playing with social network sites: actual & ideal selves. Selected Paper of Internet Research 14.0. Denver, 2013 [<http://spir.aoir.org/index.php/spir/article/viewFile/696/291> - acesso em: jan. 2015].
- BRAGA, Adriana. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre, Sulina, 2008.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process. *London, Blackwell Publishers, 1992*.
- FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Conectadas – Uma análise de práticas de ajuda-múta feminina na era das mídias digitais. Dissertação de Mestrado, Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

- FRANCO, César B. “Como conquistar mulheres?” – Masculinidade e subjetivação em uma comunidade virtual. Dissertação de Mestrado, Sociologia, UFPR, 2015.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG/Humanitas, 2003.
- _____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism: American Life in an Age of Diminishing Expectations*. New York, Warner Books, 1979.
- LEMONS, Andre. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2010.
- LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo, Loyola, 2011.
- MAGUIRE, Joseph. *Global Sport: Identities, Societies, Civilizations*. London/New York, Polity Press, 1999.
- MILLER, Hugh. The presentation of self in electronic life: Goffman on the internet. Paper presented at *Embodied Knowledge and Virtual Space* conference, University of London, 1985 [<http://www.douri.sh/classes/ics234cw04/miller2.pdf> – acesso em: jan. 2015].
- MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos, Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal*, vol. 12, n° 2, jul./dez., 2011, pp.9-22.
- PASCOE, C. J. Studying young people's new media use: methodological shifts and educational innovations. *Theory into practice*, vol. 51, abr. 2012, pp.76-82.
- _____. Resource and risk: youth sexuality and new media use. *Sexuality, Research and Social Policy*, vol. 8, mar. 2011, pp.5-17.

- PEREIRA, Alexandre B. Muitas Palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais, 2010 [<http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf> – acesso em: abril 2014].
- PIERSON, Melissa H. *Dark Horses and Black Beauties: Animals, Women, a Passion*. New York, W.W. Norton & Company, 2001.
- PIRES, André. *Ruralidades em Transformação: Agricultores, Caseiros e Moradores de Condomínio*. São Paulo, Annablume, 2007.
- PIRES, Andressa F. *Tradição e juventude: uma investigação sociológica sobre as dinâmicas da identidade gaúcha*. Monografia de Graduação, Ciências Sociais, UFPR, 2014.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo, Nobel, 1994.
- RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa, Gradiva, 1996.
- SAID, Edward. *Orientalism*. Londres, Penguin Books, 1977.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York, Columbia University Press, 1985.
- SOPELSA, Renata. *Aquerenciados em um novo rincão: migrantes e o culto às tradições gaúchas na cidade de Ponta Grossa, PR, 1958-1968*. Dissertação de Mestrado, História, UFPR, 2005.
- TAYLOR, Anthea. *Single Women in Popular Culture: the Limits of Post-feminism*. New York, Palgrave/Macmillan, 2012.
- TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã – a identidade na era da internet*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.13, nº 1, jan./abr., 2005, pp.107-126.
- ZAGO, Luís Felipe. *Os meninos – corpo, gênero e sexualidade através de um site de relacionamentos*. Tese de Doutorado, Educação, UFRGS, 2013.